

## EDITORIAL

Informar, verbo transitivo direto e bitransitivo e pronominal tem como significado “notificar, fazer saber, dar conhecimento ou tomar ciência de”. Esse é o propósito da publicação semestral da Associação Brasileira de Psicopedagogia -Seção São Paulo – o **INFORMA**- trazer notícias sobre aquilo que entendemos como relevante e atual para o associado psicopedagogo em sua prática profissional.

Na presente edição no artigo - a “Função Social da Escola”, o Prof. Donatelli aborda a temática afirmando que a escola enquanto “instituição social em sociedades complexas se transforma, avança para poder responder às necessidades reais do mundo”.

No artigo “A interface entre Fonoaudiologia e Psicopedagogia”, a fonoaudióloga e psicopedagoga Regina Federico questiona a complementaridade dessas duas áreas, sinalizando que “em qualquer uma delas, o desafio de aprender está presente, seja para superar uma dificuldade ou para adaptar-se ao desafio de uma nova vida com alguma limitação”.

Outro tema de relevância é a Psicomotricidade apresentada no artigo de Paula Santos que ao fazer a tangência com a Psicopedagogia cita Costa (2001) que afirma “Não se concebe um psicopedagogo que trabalhe com o corpo estático e que desconheça os movimentos desse no aprender”.

Autorregulação definida como “a capacidade do indivíduo em controlar / direcionar processos cognitivos, emoções e comportamentos para alcançar objetivos” é o tema do artigo da psicopedagoga Camila Leon que aponta a importância dessa habilidade na e para a aprendizagem.

Tradicionalmente é realizado na Reunião do Conselho Estadual da ABPp Seção São Paulo o “Momento Cultural”, que em abril contou com a apresentação da psicopedagoga Sonia Colli discursando sobre um tema precioso e relevante para a prática profissional do psicopedagogo, *a Supervisão*.

O desenvolvimento das habilidades socioemocionais foi apresentado por Luciana Z. Lapa que afirma serem elas, “habilidades que não nascem com o sujeito e, devem ser aprendidas no decorrer do desenvolvimento infanto-juvenil”, dialogando com o público o tema do evento, realizado em maio, foi discutido e refletido de modo interativo.

A tradicional Oficina de Jogos em parceria com a Pingo no I, o encontro de associados profissionais integrantes do Projeto Social e, a Banca de Titularidade complementaram a agenda cultural do primeiro semestre.

O segundo semestre promete, pois, haverá:

- ✓ Simpósio Internacional da ABPp Seção São Paulo, na cidade de Jundiaí, tendo a **INCLUSÃO**, como tema central que será discutido por profissionais de Portugal e do Brasil.

Este Simpósio concretiza a meta da ABPp SP, ao realizar um evento no interior do Estado, de ampliar horizontes de atuação no Estado de São Paulo.

- ✓ V Simpósio da ABPp Região Sudeste, na cidade de Varginha em MG, evento que reúne a unidades afiliadas da ABPp desta região, que traz no tema o objeto de estudo da Psicopedagogia: a Aprendizagem.
- ✓ Simpósio Nacional de Psicopedagogia da ABPp, na Capital, tem como tema Psicopedagogia e Profissionalização – contextos e transformações.

A ABPp SP marca presença e estará representada nesses eventos.

No segundo semestre teremos eleição de Conselho Estadual e de presidente para o triênio 2020-2022, bem como a comemoração do dia do psicopedagogo.

Diversificada e atual é a indicação bibliográfica constante desta edição.

Assim, também é a presente edição deste informativo, que apresenta uma temática diversificada e reflexiva para atender, diante das certezas e in(certezas) da contemporaneidade, os desafios da atuação profissional do psicopedagogo.

Boa leitura a todos!

**Cristina Natel**

Presidente ABPp SP (gestão 2017-2019)

## AGENDA CULTURAL

### Agosto:

V Reunião do Projeto Social  
Simpósio Internacional da ABPp  
em Jundiaí



### Setembro:

V Simpósio Internacional da ABPp  
Região Sudeste – Tema Aprendizagem  
na Escola e na Vida – Varginha – MG



### Outubro:

IV Simpósio Nacional de  
Psicopedagogia – ABPp Nacional



**Eleições para o Conselho Estadual- triênio 2020 a 2022.**

### Novembro:

Dia do Psicopedagogo

**PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !**

[www.saopauloabpp.com.br](http://www.saopauloabpp.com.br)  
[saopaulo@saopauloabpp.com.br](mailto:saopaulo@saopauloabpp.com.br)  
contato: 11 9.6416.1030



### A FUNÇÃO DA ESCOLA

Prof. Dante Donatelli - Diretor Pedagógico- Formado em Filosofia pela PUC-SP, professor e diretor de escolas privadas por mais de 20 anos, atualmente Diretor Pedagógico do Colégio João XXIII. Publicou dois livros sobre Educação e a Família, articulista por mais de três anos no grupo Time Warner - AOL

É sempre importante refletir para que serve a escola, ou como se diz tecnicamente, qual a sua função social em uma sociedade civilizada, urbana e repleta de contradições como a nossa, na qual o direito à educação não somente é universalizado, mas também é obrigatório para todas as crianças e adolescentes.

Toda instituição social em sociedades complexas se transforma, avança para poder responder às necessidades reais do mundo. A escola responde a duas esferas básicas: a socialização dos indivíduos e, por conseguinte, a sua entrada na vida em sociedade, o preparando assim para uma vida cidadã e a oferta aos alunos da capacidade compreensiva das diversas ciências criadas e pensadas pela humanidade.

Sempre vem à tona qual papel deve ser exercido pela escola, para além dos dois pontos acima citados. Para isso, cada escola pode oferecer opções para as famílias que a procuram, em especial se tratamos de uma instituição privada; pode-se ensinar e engendrar práticas de caráter moral, de higiene, de religiosidade, de obediência e de civismo.

Depende apenas saber qual a missão desta instituição e que fins ela deseja ter quando recebe seus alunos, e se é isto que desejam as famílias. Neste caso não há certo ou errado, o que é verdade ou o que é mentira, no âmbito da escola privada seus corpos internos determinam seus fins e seu papel social e as famílias aderem ou não a ela. A adesão se faz por convicção e crença na proposta pedagógica, que é por definição o meio que cada escola escolhe para responder duas questões elementares: *o que ensinar (currículo escolar)* e *como ensinar (metodologia)*. E neste caso também não há o certo, o verdadeiro, o melhor, o que há é novamente a crença da família em uma forma de educar.

A escola, como qualquer outra instituição em sua sociedade complexa e civilizada, é um universo científico multifacetado que envolve a pedagogia, a psicologia, a filosofia, entre outras ciências. É evidente que as famílias, e não poderia ser diferente, estão sempre preocupadas com a educação de seus filhos, a questão é, como se pode manter a função da escola e ao mesmo tempo atender cada grupo familiar, e cada um deles tomado e posto em um universo de valores, crenças e práticas que necessariamente não se coadunam com as demais famílias e se afinam com as práticas da escola.

Não existem aqui facilidades, é preciso que se entenda que a escola tem um papel social, amplo e indistinto, as demandas de um ou alguns não podem sobrepor-se nem aos princípios da escola e nem às demais famílias.

As tensões de interesses são saudáveis em qualquer instituição, desde que se possa sempre ter a parcimônia do diálogo e a compreensão de que há um cabedal científico norteando práticas cotidianas. A escola, a despeito de muitas e variadas ações sociais, é uma esfera complexa e profundamente elaborada, tanto quanto a medicina ou a química de um medicamento, por esta razão os limites para concessão.

É preciso entender o papel da escola e a condição particular de cada uma delas: uma escola religiosa tem valores diferentes de uma escola laica, uma escola de classe média alta em um centro urbano que cobra valores expressivos e se vocaciona para uma educação internacional é diferente de outra escola de bairro preocupada com o Enem e a FUVEST. Saber que escola estamos escolhendo para os nossos filhos e o que ela agrega ao grupo familiar é um dever. As instituições dialogam com seu tempo e sua realidade e, por conseguinte, se transformam para melhorar a interface com o mundo que as cerca.

### PSICOMOTRICIDADE

Paula R. M. F. de Castro Santos – Pedagoga, Psicopedagoga pela UNISA, com extensão em psicomotricidade pelo Instituto Saber, FPT.

Pensar em Psicomotricidade implica pensar na significação do corpo. E vale lembrar que a significação do corpo tem sofrido muitas mudanças ao longo da história da civilização humana. “Da civilização oriental à ocidental, e dentro desta, desde a civilização grega, passando pela Idade Média, até os dias de hoje, a significação do corpo sofreu inúmeras transformações. Desde Aristóteles, passando pelo cristianismo, o corpo é, de certo modo, negligenciado em função do espírito. Descartes, e toda a influência do seu pensamento na evolução científica, levaram a considerar o corpo como objeto e fragmento do espaço visível separado do sujeito conhecedor.” (FONSECA, 1995).

O estudo do corpo começa só em meados do Séc. XIX, inicialmente por neurologistas, por sua necessidade de compreender as estruturas cerebrais e, posteriormente, por psiquiatras, para a compreensão de fatores patológicos. A história da psicomotricidade nasce com a história do corpo, por isso, já dá pra imaginar o longo percurso que foi, desde então, até os dias de hoje... partindo lá da Grécia, onde o homem grego já cultuava o corpo, dando a este um lugar de destaque nos seus estádios, onde exercícios de guerra eram praticados. Platão também reconhece a saúde e o esplendor físico na medida em que estes estão a serviço do desenvolvimento e da realização dos valores morais e intelectuais. Para ele, a alma pertencia à metafísica. Aristóteles, por sua vez, entendeu o homem com certa quantidade de matéria (corpo) moldada numa forma (alma). O princípio de Descartes, “Eu penso, logo existo”, é o primeiro juízo intuitivo da existência pessoal, onde o EU afirma-se e, pelo esforço, domina o organismo como um todo. Neste contexto, o esforço muscular é, portanto, o fundamento da vida psíquica, pois permite que se afirme o sentimento do eu, força voluntária que supera os obstáculos que o mundo lhe opõe. É só pela ação que o EU adquire consciência de si e do mundo. E assim vamos caminhando para o que fundamenta a Psicomotricidade...

A Psicomotricidade tem como objeto de estudo o indivíduo humano e suas relações com o corpo e pode ser definida como o campo transdisciplinar que investiga as relações e as influências recíprocas e sistêmicas, entre o psiquismo e a motricidade. (FONSECA, 2004:9) Por meio de seu estudo, a Psicomotricidade propicia uma visão integral do indivíduo (cognitivo, afetivo e motor), e, por intermédio da ação motora, busca estabelecer o equilíbrio deste indivíduo, dando-lhe possibilidades de encontrar seu espaço e de se identificar com o meio do qual faz parte.

“O soma e a psique integram a unidade indivisível do homem. A Psicomotricidade, como ciência da educação, enfoca esta unidade educando o movimento ao mesmo tempo em que põe em jogo todas as funções intelectivas. As primeiras evidências de um desenvolvimento normal não são mais que manifestações motoras.” (COSTALLAT, 1922).

A sensório-motricidade na criança se constitui como a principal via de expressão do seu mundo interno. Ao longo de seu desenvolvimento, esta forma de expressão permanece, embora de forma diferente conforme desenvolvimento de suas capacidades individuais.

“O desenvolvimento da personalidade da criança e de sua inteligência requer uma organização e uma estruturação do eu e do mundo a partir de algumas noções fundamentais, que são descobertas a partir das vivências da criança e de suas experiências. Todos os contrastes por ela experienciados, carregado de afetividade e racionalidade, é o mundo da criança pequena, que vai projetando através destas noções primitivas seu estado anímico e seus afetos (LAPIERRE E AUCOUTURIER, 1974).”

As vias motoras têm grande participação no desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Há algumas décadas, a ação motora vem sendo cada vez mais valorizada no processo de aprendizagem da criança. Os processos de aprendizagem, assim como os afetos e as sensações dependem do corpo e da capacidade que o sistema nervoso tem de se integrar para se manifestar. A origem da autoconsciência depende da experiência motora de cada indivíduo e a sua constituição tem início na relação mãe-bebê. O diálogo estabelecido entre mãe e filho alia as bases motoras e sensórias às relações de afeto e amor, demarcando posteriormente o seu esquema e imagem corporal. Estes, por sua vez, constituem a base para o desenvolvimento de movimentos coordenados frutos da experimentação da criança. Quanto mais a criança for exposta a situações problemas, onde ela tenha que buscar soluções para alcançar um objetivo determinado, mais ela colocará o seu cérebro em funcionamento. (DREYER, M E BORGHI, T. IN: PANTANO, T. 2015).

Na prática, a psicomotricidade mostra que o homem é o seu próprio corpo. É de fundamental importância entender que a Psicomotricidade é a realização do pensamento através do ato motor preciso, econômico e harmonioso, o que equivale a dizer que a educação psicomotora tem por objetivo desenvolver o aspecto comunicativo do corpo, dando ao indivíduo a possibilidade de dominá-lo, economizar sua energia, pensar seus gestos a fim de aumentar a sua eficácia. Sendo assim, a prática psicomotora tem por objetivo favorecer e potencializar a adaptação harmônica da pessoa a seu meio, a partir de sua identidade que se fundamenta e se manifesta por meio das relações que o corpo estabelece com o tempo, o espaço e os outros.

O movimento humano resulta das situações concretas que o determinam e se desenvolve junto com o consciente. Cada indivíduo é um agente que representa o seu ser, com compreensão psicológica sobre os seus atos. “Deste modo, o estudo do movimento na criança tem ainda várias perspectivas. Está em primeiro lugar ligado ao processo das suas noções e das suas capacidades fundamentais e, quando elas passam sob o controle dominante da inteligência, fica ainda implicado nos modos sob os quais se exterioriza e se despende a atividade psíquica.” (WALLON, 1975).

A motricidade é o conjunto de expressões mentais e corporais e envolvem funções tônicas, somatognósicas e práxicas que as suportam. Ela depende de motivações, significações e fins que se justificam. Não é possível separá-la dos processos psicológicos que a integram, representam, elaboram e executam. O movimento determina toda a personalidade do indivíduo. O fundamento do ato motor é atingir um fim, portanto, o essencial é a intencionalidade, a significação e a expressão deste movimento que está sendo executado.

É também através da manipulação de diferentes objetos que a criança consegue estabelecer símbolos e, assim, identificar diferentes signos. Brincadeiras com o corpo e a oportunidade de jogar fazem o elo entre os gestos e a linguagem escrita. A presença de adultos, como locais adequados e seguros são fundamentais neste processo de maturação da criança. Contribuem com sua organização emocional, autonomia, criatividade e ação.

“Psicomotricidade, portanto, é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização.” (Associação Brasileira de Psicomotricidade).

E qual a relação entre Psicopedagogia e Psicomotricidade? “Não se concebe um psicopedagogo que trabalhe com o corpo estático e que desconheça os movimentos desse no aprender. Não se concebe um psicomotricista que trabalhe o corpo em movimento e não conheça o corpo discursivo do sujeito que aprende. É preciso que haja uma interdisciplinaridade na ação ensinar-aprender para que o sujeito que aprende seja compreendido em sua totalidade, mesmo dentro de uma abordagem específica.” (COSTA, 2001).

COSTALLAT, D M. "Psicomotricidade", 5a ed, Ed. Globo, Porto Alegre, 1983.

FONSECA, V. "Manual de Observação Psicomotora", Artes Médicas, Porto Alegre, 1995.

COSTA, A C. "Psicopedagogia & Psicomotricidade", 5a ed, Ed. Vozes, Petrópolis, 2001.

---

## INTERFACE ENTRE A FONOAUDIOLOGIA E A PSICOPEDAGOGIA

Regina a. S. Irani Federico - Fonoaudióloga, Psicopedagoga e facilitadora de processos grupais.

Quando pensamos nessas duas disciplinas surgem muitas perguntas: como se aproximam? Como se inter-relacionam? Como se complementam?

A Fonoaudiologia tem um leque de especialidades bastante extenso e opções de atuação precisam ser feitas para que um bom trabalho seja realizado. Mas, em qualquer uma delas, o desafio de aprender está presente, seja para superar uma dificuldade ou para adaptar-se ao desafio de uma nova vida com alguma limitação.

Além da técnica, sempre necessária, penso que olhar e escutar o *Sujeito* são o que nos coloca no caminho a fim de participar dessas conquistas por parte dos que procuram nosso auxílio.



Entendo como *Sujeito* a magnitude dessa pessoa muito além de seu sintoma. Estamos falando de sua pertinência numa família que tem características únicas, numa cultura peculiar na qual está inserido, principalmente nas suas habilidades mais do que nas deficiências, de suas preferências, dos temas que está interessado no momento para que tudo faça sentido.

Quando levamos todos esses aspectos em consideração temos grande chance de desenvolver uma relação onde asseguramos o *vínculo*: que vem a ser aquilo que liga nossa oferta com o desejo do outro e faz com que a confiança se estabeleça.

Gostaria de ilustrar por meio de uma experiência clínica que ainda está em curso e tenho a autorização dos pais para relatá-la.

A criança em questão (que chamaremos de Mário) estava no meu círculo de interesse, pois vinha junto com seu irmão mais velho, o qual estava em atendimento psicopedagógico. O que me intrigava era ver que a criança não produzia nenhum som ligado a fala, apesar de já estar com 3 anos de idade e frequentando terapia fonoaudiológica. Nas conversas com a família abordávamos a questão, mas naquele momento não era um grande “problema” para os pais e afinal ele estava em atendimento.

O tempo passou, finalizamos o trabalho psicopedagógico com o irmão mais velho e um ano depois, já as vésperas de Mário completar 5 anos, fui procurada pela família para ajudá-los, pois agora o quadro já era mais sério e haviam feito todas as pesquisas clínicas que afastavam outras complicações orgânicas. A terapia fonoaudiológica tinha sido interrompida por questões de mudanças na organização da vida familiar.

Iniciamos o atendimento onde coloquei aos pais que faríamos um trabalho de estimulação e investigação. Busquei estudos na área da Fonoaudiologia chegando à hipótese do quadro de apraxia da fala. Meu olhar observava uma linguagem interna riquíssima e o uso por ele de muitos recursos para se fazer entender, mas muitas vezes as palavras por ele emitidas estavam longe de se parecer com o vocabulário de nossa língua. Busquei ter a interpretação de 4 ou 5 verbalizações significativas que ele apresentava e segui deixando que ele mostrasse os caminhos, além de dar duas garantias: uma, de que naquele espaço e naquele horário ele era o ator principal, ou seja, as escolhas do que faríamos seria dele (me afastando do treino na área de produção oral) e segundo, que eu faria todo esforço para compreendê-lo, mas se isso em alguns momentos não fosse possível, que ele compreendesse a *minha* limitação. E assim fomos nos aproximando e inter-relacionando nossos desejos; fazendo-nos entender e algumas vezes suportando a frustração disso não estar acontecendo. Já vivenciamos 4 meses de trabalho e seu vocabulário aumentou significativamente. Apesar da dificuldade que o quadro impõe, ele tem se arriscado muito e surpreendido os que com ele convivem. Retornando às nossas perguntas iniciais penso que quando trabalhamos qualquer espécie de linguagem nosso olhar deve ter a amplitude de toda sua gama, incluso nisso não só a verbal. Se tivermos que nos relacionar com a aprendizagem do *Outro* associamos recursos do nosso saber de especialista de ambas as áreas. Portanto, são raros os momentos onde identificamos um fazer que seja mais pertinente a uma ou outra área. No caso em questão as técnicas fonoaudiológicas usuais nesse quadro ainda não foram colocadas em prática respeitando a manifestação de Mário por não gostar de trabalhos diretivos nesse recorte de produção da fala. Eu estou esperando que ele possa atravessar esse obstáculo. Não temos pressa... estamos construindo o caminho.

P.S.: O nome Mário, escolhido por mim, faz referência à minha primeira descoberta interpretativa de sua linguagem onde a verbalização *TICTAO* significava Mário Bross (o personagem).

## ESPAÇO ABERTO

Neste espaço divulgamos artigos, estudos e relatos de experiência da Psicopedagogia prestigiando diferentes autores.

### PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA PROMOÇÃO DE AUTOREGULAÇÃO (PIPA): DESENVOLVIMENTO E EFETIVIDADE EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES

Camila Barbosa Riccardi León - Pedagoga, licenciada em Letras, pós-graduada em Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa, pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), mestre e doutora em Distúrbios do Desenvolvimento pela UPM.

Autorregulação (AR) compreende, de uma maneira geral, a capacidade do indivíduo em controlar / direcionar processos cognitivos, emoções e comportamentos para alcançar objetivos. Há evidências de que esta habilidade é crítica para a aprendizagem, trazendo benefícios de curto e de longo prazo nos âmbitos escolar, familiar e social. A literatura internacional tem enfatizado o desenvolvimento e a investigação de programas de promoção nessas habilidades em pré-escolares, porém estudos nacionais são ainda escassos. Esta pesquisa de doutorado pretendeu desenvolver o Programa de Intervenção para Promoção de Autorregulação (PIPA) e investigar efeitos de curto e de longo prazo em habilidades de AR (compreendidas aqui como a relação bidirecional entre as funções executivas - FE e a regulação emocional - RE) comparando crianças pré-escolares do grupo experimental (GE) em relação aos controles (GC). Ressalta-se que esta pesquisa faz parte de um projeto multicêntrico mais amplo, que contou com outras investigações, como por exemplo, efeitos do PIPA no nível de estresse dos professores e na teoria da mente (ToM) dos alunos.

O desenvolvimento do PIPA passou por 4 etapas: 1. Levantamento da literatura, atividades, seleção e adaptação das mesmas; 2. Criação de novas, descrição sistemática e alocação das atividades em módulos; 3. Validade de conteúdo por especialistas; 4. Reformulação e fechamento. A versão final foi composta por 63 atividades, sendo 33 exclusivos do PIPA (ênfase principal em RE) e 30 retirados do Programa de Intervenção em Autorregulação e Funções Executivas (PIAFEx – ênfase principal em FE), que devem ser trabalhados diariamente pelos professores. Participaram do estudo inicialmente 189 crianças (56% meninos), com idade média de 4,9 anos (DP=0,16) e 10 professoras de duas escolas municipais de educação infantil de São Paulo. Este estudo teve 4 etapas: pré-teste (avaliação em medidas de FE e RE) e treinamento inicial dos professores, intervenção (GE com 5 professores formadas e supervisionadas na aplicação do PIPA em sala de aula, por 6 meses e GC permaneceu com as práticas escolares regulares), pós-teste (reavaliação) e follow-up após um ano. Para avaliação da inteligência foi utilizada a Escala de Maturidade Mental Colúmbia (aplicado por psicólogas colaboradoras e voluntárias na pesquisa) e para avaliação de controle inibitório (FE) foram utilizados o Teste de Stroop Semântico e a Tarefa de Regulação. Para avaliação de problemas de comportamento, FE e RE, pais e professores preencheram a escalas específicas, além informar dados sociodemográficos. Foram conduzidas análises estatísticas (Anovas) tendo o grupo (GE x GC) como fator entre-sujeitos, o tempo (pré-teste x pós-teste; pós-teste x follow-up) como fator intra-sujeitos, as medidas em cada instrumento como variáveis dependentes e a inteligência como covariante. No caso do preenchimento das escalas, somente foram conduzidas análises quando foi mantido o mesmo informante pré-teste x pós-teste; pós-teste x follow-up. Assim, uma das turmas do GC da escola 1 foi excluída das Ancovas com as escalas e foram conduzidos Testes t para amostras independentes entre-sujeitos (GE x GC) no momento follow-up. Hipotetizava-se que as crianças do GE teriam melhor desempenho que o GC nos testes de desempenho e nos

instrumentos de relato respondido por pais e professores, que mediram habilidades de AR. Porém, contrariando outras evidências com o próprio PIPA e outros programas de promoção de AR, não foram observados efeitos significativos de curto e longo prazo para a maioria das medidas de habilidades de AR utilizadas na presente tese em crianças pré-escolares. Ressalta-se que nas demais pesquisas realizadas com o PIPA, foram encontrados efeitos na diminuição do nível de estresse dos professores e na melhoria da ToM dos alunos. Logo, uma das hipóteses levantadas pela presente pesquisa foi que talvez o PIPA seja mais eficiente em promover ganhos em habilidades mais básicas de RE, tal como avaliado pelo teste que investigou ToM, do que habilidades mais complexas. Outra hipótese é que talvez a verificação de resultados de longo prazo possa ser mais bem investigada em estudos de replicação do PIPA com implementação de 2 anos, tal como ocorre em outros programas internacionais. Apesar da ausência de efeitos do PIPA na maioria das medidas aqui utilizadas, espera-se que este trabalho possa motivar mais pesquisadores que atuam na interface da Neuropsicologia e da educação e mais grupos de pesquisas interdisciplinares a investigar os efeitos do PIPA em outros contextos, considerando as limitações e recomendações realizadas no presente estudo.

## ACONTECEU

Neste espaço divulgamos e registramos, por ordem de realização, os dois eventos promovidos pela ABPp Seção São Paulo, no primeiro semestre de 2019.

### O desenvolvimento das habilidades socioemocionais na Educação Escolar

Luciana enriqueceu a nossa manhã de 16 de maio, trazendo seus conhecimentos sobre o desenvolvimento das habilidades socioemocionais. Qual o papel de nós educadores na intervenção em situações de conflitos ou de exclusão de um aluno, na educação escolar? A escola tem um papel fundamental em atuar por meio do diálogo e da observação, na relação dos grupos coletivos e individual. Conhecer-se, reconhecer as suas emoções; reconhecer o outro e suas emoções; saber trabalhar em grupo, respeitando a opinião alheia; resolver conflitos; ter autonomia e reponsabilidade; ser resiliente e empático são aspectos essencialmente eficazes para se relacionar com os pares. Essas habilidades não nascem com o sujeito, mas devem ser apreendidas no decorrer do desenvolvimento infanto-juvenil.

As habilidades socioemocionais quando trabalhadas, podem ajudar o jovem, a desenvolver seu Projeto de Vida, tomando as suas decisões com base aos princípios éticos. Para nós, psicopedagogos que trabalhamos em consultório e na escola, é importante assumirmos uma escuta ética e ativa, inclusive para ajudarmos essa criança e jovem que muitas vezes, está em sofrimento e conflito consigo próprio. Cabe a nós compartilharmos a depender do lugar em que ocupamos, e, dialogarmos com os atores envolvidos professores, família, orientadores, coordenadores e alunos.

Luciana Zobel Lapa -Mestre em Educação Escolar-UNESP/ Araraquara-GEPEM UNESP/ Unicamp

Antes da sessão do Conselho Estadual, a Seção São Paulo, organiza um momento para a Diretoria Executiva e os Conselheiros Estaduais, uma aula que é dada, por um profissional da Associação ou um convidado para compartilhar seus conhecimentos. Nossa querida Sônia Colli, Conselheira Vitalícia nos proporcionou uma reflexão sobre o lugar que ocupa um supervisor frente aos desafios do supervisionando ao trazer um caso, suas dúvidas e incertezas.

A Supervisão é a ação e o efeito de supervisionar, isto é, fazer a inspeção de um trabalho ou de uma tarefa realizado/a por outra pessoa. Quem supervisiona encontra-se numa posição de superio-

ridade hierárquica, uma vez que tem a capacidade ou a faculdade de determinar se a ação supervisionada está ou não correta. Cabe a análise do supervisor para orientar a ação do supervisionando. Nesse sentido, o supervisor coloca uma lupa no trabalho para ajudar a ampliar os olhares e a prática psicopedagógica. A supervisão tem um caráter técnico, mas também subjetivo a depender de quem vê e escuta, consiste em fazer uma análise racional e por que não emocional, dos aspectos produtivos e interventivos de um caso.

Portanto, o supervisor pode orientar num planejamento efetivo da ação do supervisionando, com estratégias e metodologias diferenciadas.

O supervisor traz a sua experiência, teoricamente fundamentado que tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste supervisionando, colaborando com informações, sugestões e experiências, a fim de contribuir para a definição de objetivos gerais e específicos. Esse processo é de ensino e aprendizagem!

Esse movimento entre o supervisor e o supervisionando proporciona uma troca entre ambos, muitas vezes positiva e que gera uma aprendizagem significativa para ambos.

## PROJETO SOCIAL

O Projeto “ABPp-SP vai à Comunidade”, confirma a ação social da Seção no atendimento da população menos favorecida que dificilmente teria oportunidade ao atendimento psicopedagógico. Para tanto, os voluntários associados, recém-formados ou com o desejo de obter mais experiência, têm a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos e de atuar com o apoio da supervisão com profissionais reconhecidos como titulares pela ABPp-SP.

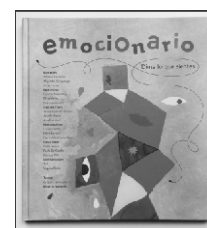
Você tem interesse neste projeto? Venha participar!

Procure mais informações em:

<http://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/historico>

## BIBLIOTECA

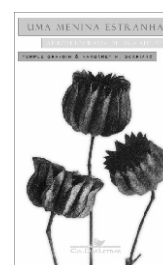
"Emocionário" - Cristina Núñez  
Pereira e Rafael R. Valcárcel – Editora  
Sextante – Ebook - 2018



“Bullying – mentes perigosas nas escolas” – Ana Beatriz Barbosa Silva-  
Principium Editorial- 2015

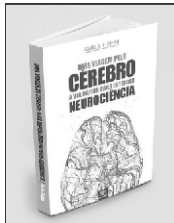


“Uma menina estranha – Autobiografia de uma autista” – Temple Grandin e Margaret M. Scariano – Editora Cia das Letras - 1999.





“Vejo e aprendo- Fundamentos do Programa TEACCH – O Ensino Estruturado para Pessoas com Autismo – Maria Elisa Granchi Fonseca e Juliana de Cássia Baptistella Ciola – BookToy – 2016.



“Uma viagem pelo cérebro- a via rápida para entender Neurociência” – Carla Tieppo Editora Conectomus – 2019.



“Como se estuda? Como se aprende? Organizadores: Telma Pantamo Cristina Castanho de Almeida Rocca – Editora Pulso – 2015.

## ANOTE NA SUA AGENDA!

SIMPÓSIO INTERNACIONAL

**PSICOPEDAGOGIA E INCLUSÃO**

**24**  
DAS 8H00 ÀS 16H30  
AGOSTO  
SÁBADO

JUNDIAÍ/SP

Conferencistas Internacionais:  
David Rodrigues  
Luzia Mara Lima Rodrigues  
Dra. de Tatyago  
Luciana Barros de Almeida  
Presidente da ABPP nacional

Mostre informações:  
em [www.abpp.org.br](http://www.abpp.org.br)

Promoção: **IE** **IE** **IE**

Apoio: **abpp** **Vidas** **Agape** **Aplikasi**

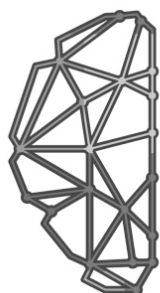
**V SIMPÓSIO DE PSICOPEDAGOGIA DA REGIÃO SUDESTE**

**21/09/2019**  
Local: Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS  
Auditório Campus I  
Rua Coronel José Alves 265 - Vila Pinto  
Varginha- Minas Gerais  
8h00 às 17h00

**CAMINHOS DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA E NA VIDA**

**INSCRIÇÕES**  
[abppsulmineiro.com.br](http://abppsulmineiro.com.br)

Parceria: **UNIS**



IV Simpósio Nacional de **PSICOPEDAGOGIA e PROFISSIONALIZAÇÃO:** contextos e transformações

**26 outubro 2019 / São Paulo | SP**

Unip Vergueiro - Rua Apeninos, 267

## EXPEDIENTE - DIRETORIA 2017 / 2019

**Presidente:** Maria Cristina Natel

**Vice-Presidente:** Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

**Diretora Secretária:** Andréa de Castro Jorge Racy

**Diretora Secretária Adjunta:** Márcia Maria Machado Monteiro

**Diretora Financeira:** Helena Maria Barbosa da Silva

**Diretora Financeira Adjunta:** Ymei Uvo de Sá Trench

**Diretora Cultural:** Ruth Nassiff

**Diretora Cultural Adjunta:** Cecília Gereto de Mello Faro

**Diretora de Relações Públicas:** Wylma E. Teixeira Ferraz Lima

**Diretora Adjunta de Relações Públicas:** Maria Lúcia Moura Caruso

### PROJETO SOCIAL:

**Coordenadora do Projeto Social:** Sílvia Amaral de Mello Pinto

**Coordenadora Adjunta do Projeto Social:** Sandra Lia N. Santilli

### CONSELHO ESTADUAL:

Ariane Zanelli de Souza

Carla Labaki Agostinho Luvizotto

Claudia Maria Laureano Moreno

Cristiane Cássia Moura

Márcia Alves Affonso

Regina Irani Spirandeli Federico

Rosana Maria Pereira Borges

Sandra Casseri Rindeika

Sílvia Amaral de Mello Pinto

### CONSELHO FISCAL:

Anete Hecht

Ernani Pereira Junior

### CONSELHO VITALÍCIO:

Maria Cristina Natel

Mônica Hoehne Mendes

Sandra Lia N. Santilli

Sônia Colli

Este periódico é uma publicação exclusiva da

**ABPP SEÇÃO SÃO PAULO**

**EDITORA DE REDAÇÃO:** Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

**CONSELHO EDITORIAL:** Andréa de Castro Jorge Racy e Ruth Nassiff

**TIRAGEM:** 500 exemplares

**CRIAÇÃO E IMPRESSÃO:** KOSMOGRAF